

SOUZA, A. L.S. *Letramentos de reexistência*: poesia, grafite, música, dança: hip hop. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. P.176.

WHO (World Health Organization). Suicide data. In: WHO (World Health Organization). Mental Health. 2019. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/. Acesso em: 15 dez. 2020.

ACERVO DE MEMÓRIA E TRADIÇÕES ORAIS DA BAHIA: O FEMININO NAS NARRATIVAS ORAIS

Sirlai Gama de Melo²

Resumo: O estudo em questão tem como objetivo evidenciar o Acervo de Memória e Tradições Oraís da Bahia (AMTRO – UNEB/Campus II), propondo reflexões a respeito da preservação da memória no que tange às narrativas orais femininas. A partir disso, serão discutidas questões relevantes ao tema, como: refletir a respeito da transdisciplinaridade enquanto propulsora de outros conhecimentos e saberes, além daqueles institucionalizados; a noção de arquivo e o uso da memória em sua produção, conservação, manutenção e transmissão; por fim, a criação de acervos como uma forma de preservação e consulta a esses materiais. Para tanto, será feita uma pesquisa de natureza qualitativa bibliográfica através do estudo de textos teórico-críticos de autores como: Souza (2002), Derrida (2001), Halbwachs (1990); Costa (2016), entre outros, a fim de evidenciar os aspectos físicos e simbólicos presentes nas narrativas femininas do Acervo. Os resultados obtidos farão parte da dissertação que está em processo de construção.

Palavras-Chave: Acervo de Memória e Tradições Oraís da Bahia. Memória feminina. Narrativas orais.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Linha 1 – Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientadora Professora Dr^a. Edil Silva Costa. Endereço eletrônico: sirlaigama@gmail.com

CARÁTER TRANSDISCIPLINAR

O estudo em questão trata-se de um recorte do primeiro capítulo em construção da dissertação de mestrado intitulada “Elas por elas: representação feminina em contos da tradição oral baiana”, no qual serão discutidas as principais noções acerca da manutenção, preservação e formas de arquivamento dos materiais orais, salientando o espaço do Acervo de Memória e Tradições Oraís da Bahia (AMTRO) como um dos meios pelos quais a memória de sujeitos, comunidades e tradições se mantém a disposição do público para apreciação e análises. Partindo desse objetivo principal, também serão apresentadas perspectivas sobre o próprio uso da memória nas poéticas da voz, as particularidades no que diz respeito à forma de guardar tais arquivos e a relevância de termos locais apropriados para isso.

Contudo, antes de adentrarmos nessas discussões, cabe aqui explicar pontos primordiais a respeito do caráter multidisciplinar dessa pesquisa. De início, destaco que por ser um estudo das poéticas orais, das formas de arquivamento de tais materiais, fazendo um recorte para análise de narrativas de mulheres baianas, é preciso ter em mente que tais produções precisam ser levadas em consideração não somente pelo seu próprio valor estético, mas também pelo processo histórico e cultural dos quais elas resultam.

Mesmo não sendo um dos objetivos centrais para o momento, é necessário fazer uma contínua relação com as noções de interculturalidade, pelo fato do estudo estar vinculado a um Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Para isso, conto com a leitura das obras “Crítica Genética e Crítica Biográfica” (2009) e “Crítica Cult” (2002), ambas de Eneida Souza, nas quais a autora fala sobre os acervos serem uma das estratégias para evidenciar os autores das obras. Para minha pesquisa isso é de suma importância na medida em que pretendo trazer um capítulo

falando apenas sobre essas mulheres que tomam a atitude e posição de narrar, de contar uma história, mesmo em um contexto e em uma sociedade machista que as impõe numa posição de silenciamento, que a todo custo produz mecanismos de interdição dos seus discursos. Dessa forma, perceber os contos que estão no acervo, permite ter uma reflexão que apesar das dificuldades, as narradoras se mostram resistentes e usam a linguagem literária para fazerem emergir suas vozes.

Como mencionei anteriormente a respeito do caráter multidisciplinar, emprego o termo seguindo o pensamento de diálogo entre disciplinas, campos de saberes e práticas de estudos. Citando como exemplo, a Antropologia normalmente é conhecida pelas pesquisas que desenvolve com os sujeitos enquanto protagonistas sociais, atentando para vozes marginalizadas pela cultura de elite. Tal disciplina muito influenciou outras no que diz respeito a essas práticas, com os/as pesquisadores/pesquisadoras de Letras não foi diferente, visto que ao passar dos anos, cresce o interesse de tais profissionais se debruçarem sob discursos populares, narrativas subalternizadas e produções descentradas que muito têm a nos dizer.

Outros campos do saber também merecem ser mencionados no que tange às influências para as críticas literárias, tais áreas são: a sociologia, a filosofia, a história e até mesmo a psicanálise. Também é importante ressaltar que o termo “multidisciplinar” ou ainda “interdisciplinar” passou por reformulações e assume outra nomenclatura “transdisciplinar”, no sentido de transpor os limites estabelecidos por tais campos para que seja possível diálogos com outras formas de conhecimento. Souza (2002, p.11) afirma que “no atual debate acadêmico essas trocas são, paradoxalmente, consideradas segundo critérios que as colocam ora como causadoras de perdas que ferem as identidades disciplinares, ora como propiciadoras de

ganhos adquiridos no circuito do conhecimento”. A partir disso, encaramos a relação com diversas áreas uma oportunidade de estudar o texto literário em sua totalidade, além do que está exposto, incluindo seus traços culturais, sociais, históricos e psicológicos.

Nesses, por sua vez, muito se discutem sobre a noção de cultura e suas relações de interdependência. Souza (2002) cita a cultura latino-americana como sendo aquela considerada como “periférica” e “tardia”. A autora fala que essa perspectiva suscita reflexões a respeito dos lugares de produção dos saberes locais. A partir disso, podemos levantar questões do tipo: Como esses saberes são mantidos e transmitidos? Pode-se pensar que são usados como instrumento de luta contra sistemas hegemônicos que tentam inviabilizar as produções dos/as sujeitos/as subalternizados/as. Além disso, tais conhecimentos são vistos como periféricos e por isso tendem a ser menosprezados pela cultura globalizada, de elite. Entretanto, o que quero destacar aqui é a diferença existente entre as outras culturas, sejam elas periféricas, marginais, subalternas e as culturas elitizadas. Não no sentido de perceber a influência dessa sob as primeiras, mas, sobretudo, o que essas outras culturas tem a nos dizer e que pode nos fazer pensar outras possibilidades de atuação no mundo.

Isso sem mencionar que através dos saberes, das produções e narrativas provenientes dessas culturas podemos perceber como os/as sujeitos/as expressam suas vivências, realidades de vida que podem ser conturbadas e que encontram na literatura uma forma de aliviar as cargas que carregam e ao mesmo tempo criticar o próprio meio em que estão inseridos/as. Se pensarmos “Cultura” como encarada pelo senso comum, restringimo-la enquanto conjunto de valores, crenças e tradições que são transmitidas de geração para geração ao longo do tempo. Entretanto, o termo tem seu conceito e emprego ampliado quando nos debruçamos sob ele. Ainda no século XIX a cultura era

encarada como principal formadora e disseminadora da noção de tradição e identidade nacional (HOLLANDA, 2012, p.12). Seguindo esse raciocínio, a ideia mescla a concepção do senso comum quando traz a questão da tradição, ampliando esse enfoque para a questão da identidade, ou seja, através da cultura podemos perceber as marcas identitárias de uma nação, de um povo, de uma sociedade.

Isso nos faz remeter ao que foi mencionado anteriormente sobre o caráter interdisciplinar, outro termo empregado com frequência pela crítica literária consiste na intertextualidade, o diálogo existente entre textos. Pensar nisso, pode remeter às narrativas escritas ou orais estritamente, no que tange aos sentidos que elas podem transmitir ao leitor/a e ouvinte, podendo perceber os distanciamentos e aproximações entre elas. Contudo, além disso, a intertextualidade também pode fazer relação com o texto propriamente dito e a vida do autor/a ou narrador/a que o produziu. Isso possibilita que essa obra seja analisada em sua totalidade e expressividade poética e social. Souza (2002, p.123) apresenta “a tradição cultural como um arquivo que se revitaliza a todo o momento”. Isso pode simbolizar que o arquivo vai sendo atualizado, mantendo assim sua relação com o passado sem que fique preso nele. A tradição cultural passa por reformulações na medida em que o tempo passa e os/as sujeitos/as vão pensando de outras formas, adquirindo novos hábitos, criando outras ideologias e práticas. Tudo passa pelo processo da movência para que continue a fazer sentido.

Essa discussão é necessária porque precisamos sempre lembrar que os conhecimentos não estão dispostos apenas no espaço acadêmico, mas sim em todo contexto social. As culturas se diferem através de suas práticas, pensamentos, ideologias, entretanto, cada uma possuem sua relevância e particularidade. Quando estou apresentando noções sobre o uso da memória e a

importância dos acervos para a tradição oral, quero dizer que aqueles/as que fazem uso disso, possui um saber próprio, digno de ser valorizado, preservado e passado para outras gerações. Além disso, por ter suas próprias especificidades que os diferem da escrita, os materiais orais precisam ser catalogados e salvaguardados de formas distintas. Todos esses pontos serão discutidos ao longo da minha pesquisa que está em andamento.

MEMÓRIA E ARQUIVO

Quando pensamos a respeito da dificuldade de evocar alguma lembrança não podemos deixar de mencionar a respeito da realidade social que interfere diretamente na reconstrução da memória (HALBWACHS, 1990). E nesse ponto, abordamos uma perspectiva na qual a memória coletiva é vista como composta por memórias individuais, moldadas pelo meio social, histórico e cultural em que estão inseridas, levando em consideração toda a rede de comunicação entre os/as demais sujeitos/as pertencentes ao grupo.

O uso da memória pode depender da ajuda das pessoas que vivem ao nosso redor. Por exemplo, para nos dar maiores informações a respeito de um acontecimento que possamos não estar lembrados em sua totalidade. Evidentemente que nós mesmos quem somos responsáveis em evocar dentro do nosso inconsciente aquilo que conseguimos nos lembrar sobre o ocorrido, o/a outro/a poderá complementar aquilo que já se encontra dentro de nós de forma como se fosse adormecida. Dessa maneira, as lembranças vão ressurgindo, não somente de acordo com a perspectiva da própria pessoa que lembrou o fato, mas também daquela outra que a evocou. E isso por qual motivo? Suponhamos que eu não tenha mais lembranças frequentes sobre o tempo da minha graduação e que não mantenho contato com pessoas próximas a mim dessa época. Essas lembranças seriam

melhor evocadas se o contato com tais pessoas ainda se mantivessem no presente, fazendo-me recordar de fatos e experiências que tínhamos vivido no tempo da graduação. Em outras palavras, podemos dizer que a memória tende a ser alimentada pelo convívio social do qual fazemos parte. Outro exemplo: uma dada comunidade possui o costume de contar história. Sempre costumam reservar uma hora do dia para manter essa tradição. Algo recorrente naquele espaço. Entretanto, com o passar do tempo, esse costume vai se perdendo na medida em que poucas pessoas vão aparecendo nos encontros, até que aquela comunidade deixa o hábito de contação. Cada pessoa que fez parte daquele grupo tende a guardar em sua memória partes das histórias contadas, mas, se não tiverem ainda o contato e o convívio com outras pessoas que também faziam parte desse grupo, as histórias tendem a ir se esvaindo da memória desses/as

sujeitos/as, impossibilitando assim a transmissão e permanência das narrativas naquele contexto. Tudo isso porque a rede de comunicação foi rompida, logo, as memórias tendem a deixar de ser evocadas.

Seguindo perspectiva, acrescenta-se a essa discussão, o que traz Maurice Halbwachs (1990, p.37) ao lançar uma indagação sobre a existência de lembranças individuais poderem ser evocadas pelos/as próprios/as sujeitos/as sem influência do meio externo. O autor afirma que a memória coletiva não consegue explicar todas as lembranças existentes em nosso inconsciente, além disso, que todo o contexto social não pode encobrir a lembrança individual que cada um de nós possui mesmo que não possamos nos dar conta dela. Isso significa que, embora a memória e o pensamento social tenham forte relação com aquilo que conseguiremos lembrar, também fazemos uso de uma memória estritamente individual. Por isso que anteriormente foi dito que a memória coletiva é composta por memórias

individuais, sendo que essas serão alteradas a depender do meio social em que cada sujeito/a está inserido/a, bem como as relações de interdependências com outros/as do mesmo meio ou de contextos distintos. Com isso, podemos constatar que o social sempre vai dialogar com o uso das memórias, assim, cada lembrança terá marcas desse lugar.

Halbwachs (1990, p.14-15) também traz uma importante distinção entre o que seja memória histórica e memória coletiva. A primeira seria uma reconstrução do passado com base nos elementos do presente. Já a segunda teria o poder de recompor o passado. O autor não determina a forma que isso ocorreria, mas afirma que a partir dessas memórias tanto a consciência coletiva quanto a consciência individual iram ser responsáveis em desenvolver diferentes formas de memórias, a depender dos objetivos para os quais elas seriam evocadas.

Podemos pensar também que tudo aquilo que existe em segmentos distintos como: acadêmico, social, religioso, econômico, etc., seguem a linha passado/presente/futuro. Através das memórias, cada um desses segmentos pode reviver o passado ou ter uma ideia a respeito do que se esperar do futuro. Além disso, por mais que venhamos considerar o primeiro como algo ultrapassado e distante do atual, é no passado que vemos muitas das marcas ideológicas, estereótipos, costumes que ainda perduram no presente. Por conseguinte, podemos dizer que analisando o passado podemos compreender melhor o que se passa hoje.

Mas, para não perdermos o fio da meada, a partir do que foi exposto e discutido, principalmente no que tange ao uso da memória e nos parágrafos anteriores especificamente a memória coletiva, podemos afirmar que essa é fortemente influenciada pelo meio social no qual os indivíduos estão inseridos, então se pensarmos que a memória coletiva é formada pelas individuais, sendo a primeira relacionada com o meio é porque cada memória

individual também foi moldada e reflete aspectos do seu contexto. Logo, só podemos lembrar o passado se encontrarmos no nosso presente algo que nos remeta a ele. Esse passado se fará notório se nossas redes de convívio social permitirem que ele seja evocado.

Partindo do pressuposto que a pessoa que narra algo vai fazer isso com base no seu contexto, as mulheres que se colocam na posição de narradoras falam a partir de suas próprias vivências, além disso, não somente pela perspectiva individual, mas também contemplando outras mulheres e outros sujeitos que fazem parte do seu meio. Por isso, sempre podemos perceber o quanto o social interfere e influencia na memória, na narrativa e no arquivo a ser criado.

Outra coisa a ser abordada é que apesar de muitas das vezes ser difícil lembrar de fatos ocorridos em nossas vidas, o ato de recordar é algo fundamental na constituição da identidade do/a sujeito/a, como diz Paul Thompson (1992, p.208) “Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança”. Sem falar que, como o próprio autor acrescenta, através da reflexão do passado, cada um/a pode perceber as transformações ao longo de sua vida, estabelecendo assim uma relação entre o passado e o presente, permitindo que a identidade seja construída ao longo do tempo. Com isso, percebemos que o uso da memória como repositório de lembranças não é algo dispensável, mas fator primordial no âmbito psíquico, subjetivo, individual e social.

Podemos citar Jacques Derrida no livro “Mal de Arquivo” (2001) quando o autor discorre a importância de se pensar uma reelaboração do conceito de arquivo que possa contemplar as diversas dimensões do saber. Inicialmente, é abordado sobre o cuidado em discutir a respeito do arquivo na intenção de reviver

ou relembrar um tempo perdido, relacionando aspectos da origem, memória e lembrança. Ainda sobre essa noção, destaca-se aqui que arquivo não se restringe apenas a documentos escritos, passados pelo processo de impressão, mas contempla também os suportes orais, visuais, virtuais, etc.

Derrida (2001) critica a própria ideia de conceito, pensando em como podemos conceituar o que seja arquivo se não delimitarmos o que seja a própria noção de conceito. Para isso, explana a discussão abordando o tema da desconstrução como uma forma de problematizar significados já estabelecidos, em busca de criar outros mais abrangentes. Essa desconstrução estará ligada diretamente com o contexto histórico, ou seja, o conceito em si tende a ser alterado ao longo do tempo, conseqüentemente, a noção de arquivo tende a seguir o mesmo caminho. Por isso que não é errôneo conceituá-lo como reflexo de fatos e experiências históricas, materializando assim tradições e costumes que vão passando de geração a geração.

Outra questão a ser ressaltada consiste na ideia de pensar o arquivo somente como forma de registrar o passado, restringindo-o apenas a esse recorte temporal, quando podemos relacioná-lo com o presente e com o futuro na medida em que pensamos nas diversas formas de arquivamento para que ele possa ser lembrado e consultado ao longo do tempo, fazendo-o algo contemporâneo e diminuindo as chances de ser esquecido, essa é a função do arquivista. Além disso, o arquivo pode ser encarado como algo divisível, através do qual outros materiais possam surgir, permitindo assim que haja sua propagação, bem como de seus correlatos, ressaltando sempre a diferença entre eles para que seja possível perceber o arquivo como produtor de novos enunciados.

Podemos abordar sobre a relação entre história, verdade e poder. A respeito da primeira, no que tange ao arquivo, esse irá apresentar elementos típicos de seu contexto de produção. Sobre

a segunda, aquilo que era arquivado, numa versão clássica costumava ser encarado como uma verdade quase que absoluta, um monumento intacto para ser visto e não problematizado. Já o poder, podemos relacioná-lo com aquilo que era mantido nos suportes arquivísticos por legitimarem aqueles que estavam numa posição centralizada. Numa visão a qual esse trabalho se detém, discutimos acerca de arquivos orais femininos, então, esses materiais refletirão a história de vida das narradoras, bem como a história temporal a partir da qual elas falam. Suas narrativas partem de suas vivências enquanto sujeitas pensantes e atuantes no mundo, logo, para si, são verdades. Por muito tempo, aquilo que era produzido por mulheres não era arquivado justamente porque quem estava ou detinha o poder para isso costumava ser homens, ou seja, o grupo feminino narrava/atuava/posicionava, porém, eram silenciadas como se não tivessem produções para serem conservadas e transmitidas. Evidentemente pela ilusão de não terem seu poder falocêntrico desestabilizado. Por isso que é importante ressaltarmos as vozes femininas como aquelas que precisam ser ouvidas e divulgadas.

Não podemos deixar de mencionar sobre a pulsão de morte, termo empregado por Derrida (2001) e antes enunciado por Freud em seus escritos. Num sentido amplo, essa pulsão seria encarada como propiciadora da destruição do arquivo, apagando seus rastros e dificultando o processo de arquivamento. Sendo assim, muito se assemelha com o próprio mal de arquivo se levado em conta que o esquecimento propicia a perda do material, já que não será lembrado e conseqüentemente arquivado. Entretanto, Derrida (2001) encara tanto a pulsão de morte como o mal de arquivo como coisas positivas, na medida em que possibilitam a criação de novos arquivos e novas formas arquivísticas. Isso porque, se pensarmos, quando existe uma lacuna num arquivo de narrativa, aquela lacuna tende a ser suprida através da implementação de novos elementos

discursivos, o que ocasiona na criação de outra narrativa, diferente daquela que a inspirou.

Nesse ponto, podemos pensar que por ser importante a escrita das oralidades e abrangendo para outros suportes de preservação, como o audiovisual e digital, precisamos falar também da importância em se manter tais materiais em condições adequadas. Para isso é necessário tomar algumas precauções, dentre elas: umidade e temperatura, poeira, insetos, corrosão, manuseio inadequado, até mesmo catástrofes, como inundações e incêndios, que podem acometer o local de conservação. Para mais, tais versões dos materiais orais permitem que gerações futuras tenham acesso a tais produções, revisitando um tempo que não lhe é seu, estabelecendo relações de continuidade ou ruptura, tendo ainda a possibilidade de repensar os textos que eram elaborados anteriormente, fazendo-os serem atualizados de acordo com o tempo.

Mas, voltando para o próprio tema do arquivamento, se antes tínhamos a ideia de que um arquivo era somente aquilo que era escrito, como temos visto isso vem sendo repensado e alterado. Bibliotecas e acervos tinham como materiais livros e documentos impressos. Hoje em dia, podemos acessar suas versões digitais através de computadores, celulares, tablets, etc. Então, se antes entrávamos em lugares físicos para termos acesso a determinadas produções, atualmente podemos ter esse contato frente à tela de um computador ou até mesmo na palma de nossas mãos. Dessa forma, o arquivo assume outras modalidades, para além do oral, do escrito, temos o arquivo digital que proporciona também a maior divulgação e transmissão das narrativas. Assim, podemos citar que a memorização parte não somente dos/as próprios/as sujeitos/as, mas os meios midiáticos também memorizam artificialmente e sistematicamente aquilo ordenado pelos comandos de quem o manuseia. Logo, para que haja um arquivamento adequado, a pessoa responsável precisa

ter conhecimento desses comandos e assim permita que tais arquivos se mantenham vivos.

Com base no que foi exposto agora podemos adentrar na experiência com o AMTRO, percebendo a forma de arquivamento desse Acervo, seus benefícios e dificuldades enfrentadas para a conservação das memórias que o compõe, bem como evidenciando esse espaço como um grande depósito do tesouro oral baiano.

ACERVO DE MEMÓRIAS E TRADIÇÕES ORAIS DA BAHIA (AMTRO)

Como já mencionado, os enfoques literários acabaram prestigiando as produções escritas em detrimento das oralidades, sendo essas analisadas principalmente por pesquisadores da antropologia. Contudo, com o passar do tempo, o campo das Letras também foi se interessando pela temática e com o advento dos estudos culturais, outras metodologias foram sendo empregadas, analisando o texto oral em sua particularidade e de acordo com seu contexto de produção, levando em conta também sua transmissão e ressignificação ao longo da história. Com isso, estudos tendo como ênfase as poéticas orais foram se difundindo, com eles muito interesse em pesquisas de campo através das quais espaços e acervos foram criados para armazenar os resultados dessas pesquisas.

Nesses lugares são armazenados os materiais tanto na modalidade oral, bem como assumindo outros suportes como a escrita e o visual. Sempre é importante mencionar que com a transformação da narrativa oral em texto escrito ou imagético, podemos fazer com que as vozes alcancem um público que até então não tiveram condições de presenciar o momento da performance, mas que terá conhecimento, a partir das outras

versões originadas através da oralidade, daquela produção e de sua relevância para a comunidade que a criou.

Após essas colocações, e principalmente a essa importância da construção e manutenção dos acervos, a partir daqui será posto o que foi possível perceber no AMTRO. Esse Acervo foi criado a partir das ações do Projeto Acervo de Cartografias Memória e Tradições Orais na Bahia que tinha como principal objetivo propor metodologias de estudo das poéticas da voz, levando em conta as pesquisas de campo, transcrições e publicações desses materiais.

A maior parte do material é formada por narrativas, depoimentos, cantigas, contos, etc. As versões transcritas dos mesmos estão dispostas em um armário simples de metal, o qual em seu interior possui algumas divisórias, nas quais foram colocados separadamente cada material, ou seja, em uma divisória estavam os contos, em outra os depoimentos e assim por diante. Nas palavras de Costa

Durante muito tempo as fitas cassete, vídeos e fotos, resultado do árduo trabalho de campo, também ficaram guardadas em caixas e pequenos álbuns de fotografias. Hoje, mesmo com todo material digitalizado, ainda não encontramos um modo adequado e seguro para armazenar e, sobretudo, de tornar disponível mais facilmente o acervo. (2016, p.07)

Por isso, outro ponto a ser ressaltado é a respeito dos possíveis riscos que os materiais estão sujeitos, dentre eles, aqueles resultados da ação humana, como marcas de dedos e arranhões nos CDs ou manchas de alimentos e bebidas nas cópias transcritas; resultados da falta de manutenção no ambiente, como poeira e ácaros; e, resultados de algum acidente, como incêndios ou inundações. Logo, faz-se preciso sempre um cuidado recorrente para se evitar que tais coisas aconteçam e consequentemente evitar a perda das memórias ali dispostas,

sendo essa uma memória técnica veiculada no próprio contexto de arquivamento, já que a permanência da memória coletiva tende a ser mantida viva através dos/as sujeitos/as que a evoca. Por isso também que sempre será dito a importância das cópias para preservação dos materiais orais, seja através da escrita, do vídeo, do áudio propriamente dito, o que se pretende destacar é que aquele conteúdo se mantenha conservado pelo maior tempo possível, sendo transmitido e alcançado por outros públicos.

A partir da observação do Acervo foi possível perceber que pelo menos nos contos contabilizados a autoria das narrativas é aproximada entre os gêneros masculino e feminino, sendo 26 contos narrados por homens e 22 narrados por mulheres. Essas, por sua vez, sempre tiveram como delegadas às atividades domésticas e o cuidado com o lar, onde podiam transmitir suas narrativas para seus filhos e conseqüentemente manter a cadeia da tradição oral. Dessa forma, constatou-se a permanência desse feminino, ecoando suas vozes, produzindo sentidos e utilizando a linguagem literária como enfrentamento contra o silenciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que, embora não tenha sido maioria, grande parte dos contos eram narrados por mulheres, essas por sua vez não tinham alcançado o ensino superior, quando tinham estudo, tratava-se do primário. Contudo, era notório seus conhecimentos, capacidade de guardar e atualizar as narrativas que lhes foram transmitidas com maestria.

Já no que diz respeito ao Acervo enquanto repertório memorial da tradição oral, é de suma importância sua preservação, manutenção e investimentos, de forma que todos os materiais ali guardados possam servir como fonte de análises e, sobretudo, como registros de culturas populares, com suas